

PAULO, DE FARISEU A APÓSTOLO DOS GENTIOS: VOCAÇÃO E MISSÃO

PAUL, FROM PHARISEE TO APOSTLE TO THE GENTILES: VOCATION AND MISSION

Marivan Soares RAMOS, Doutor em Teologia pela PUC-SP, Licenciado em História e Pedagogia, Coordenador acadêmico e professor do Centro Cristão de Estudos Judaicos-SP, editor da Revista Cadernos de Sion e membro do conselho editorial e consultivo da coleção de livros Judaísmo e Cristianismo, publicada pela CCDEJ em parceria com *Fons Sapientiae*, membro do Grupo de Pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação do Antigo Testamento).*

Aline Soares Marques de OLIVEIRA, bacharel em Administração de Empresas pela Universidade Santa Úrsula; MBA (pós-graduação *lato sensu*) em Comércio Internacional, pela Universidade de São Paulo, com curso complementar em Gestão Estratégica, realizado na Université Pierre Mendès, Grenoble, França, no âmbito de programa acadêmico internacional, pós-graduação em Ciências Religiosas pela Faculdade São Bento em parceria com o CCDEJ.**

Resumo

Paulo foi um judeu que acreditou na vinda do Messias. Arrebatado no caminho para Damasco, compreendeu que a graça de Deus viria através da fé em Jesus, e não pela estrita observância da Lei Mosaica. Foi como judeu que pregou o Evangelho para além do mundo judaico, contribuindo para a consolidação do cristianismo nascente como uma fé de caráter universal. Para compreender como Paulo chegou até o título de apóstolo dos gentios, faz-se necessário percorrer seu contexto histórico, religioso e político, bem como a compreensão judaica da figura messiânica no século I. Esta análise permite delinear quem era Paulo e no que acreditava quando, no caminho para Damasco, encontrou Jesus. A partir desse momento, sua vida é transformada. A experiência é profunda e decisiva, e nos conduz à reflexão sobre a adequação do uso do termo “conversão” para descrevê-la. Em Antioquia tem início a expansão sistemática da pregação aos gentios, e os questionamentos acerca da circuncisão e das leis dietéticas ganham relevância, levando Paulo a Jerusalém a fim de tratar dessas questões com as *colunas* da igreja: Pedro, Tiago e João, além de outros apóstolos e anciãos. O concílio ali realizado estabelece diretrizes fundamentais e abre caminho para a propagação do Evangelho entre os não judeus, consolidando a figura de Paulo como apóstolo dos gentios. A metodologia adotada para este trabalho consiste em pesquisa bibliográfica e análise de textos do Novo Testamento, particularmente o livro dos Atos dos Apóstolos e a Carta aos Gálatas.

Palavras-chave: Apóstolo Paulo. Concílio de Jerusalém. Conversão. Farisaísmo. Gentios.

Abstract

Paul was a Jew who believed in the coming of the Messiah. Struck on the road to Damascus, he came to understand that God's grace would be granted through faith in Jesus, rather than through strict observance of the Mosaic Law. It was as a Jew that he proclaimed the Gospel beyond the Jewish world, contributing to the consolidation of early Christianity as a faith of universal character. In order to understand how Paul came to bear the title of apostle to the Gentiles, it is necessary to examine his historical, religious, and political context, as well as the Jewish understanding of the messianic figure in

* E-mail: marivanramos26@gmail.com

** E-mail: alinemarques0303@gmail.com

the first century. This analysis makes it possible to delineate who Paul was and what he believed when, on the road to Damascus, he encountered Jesus. From that moment on, his life was transformed. This profound and decisive experience leads to a reflection on the adequacy of the use of the term “conversion” to describe it. In Antioch, the systematic expansion of the mission to the Gentiles begins, and questions concerning circumcision and dietary laws gain relevance, leading Paul to Jerusalem in order to address these issues with the pillars of the Church: Peter, James, and John, as well as other apostles and elders. The council held there establishes fundamental guidelines and opens the way for the proclamation of the Gospel among non-Jews, consolidating the figure of Paul as an apostle to the Gentiles. The methodology adopted in this study consists of bibliographic research and analysis of New Testament texts, particularly the Acts of the Apostles and the Letter to the Galatians.

Keywords: Apostle Paul. Conversion. Council of Jerusalem. Gentiles. Pharisaism.

Introdução

Desde os primeiros anos do cristianismo, a língua e a cultura constituíram um dos elementos de distinção no interior da comunidade dos novos crentes. Como alinhar essas diferenças, de modo que judeus e gentios pudessem viver juntos a fé em Cristo?

Paulo foi quem, a partir do encontro com Jesus no caminho para Damasco, soube harmonizar tais diferenças e criar novos caminhos para a propagação da fé. Entretanto, criar novos caminhos não foi tarefa fácil. A pregação de Paulo para os gentios levantou questões práticas e teológicas que precisavam ser resolvidas. A obrigatoriedade da circuncisão e a adoção das leis dietéticas pelos gentios eram barreiras que pareciam intransponíveis naquele momento.

Para compreendermos como Paulo chegou até o Concílio de Jerusalém, a fim de defender a forma de pregação do Evangelho aos gentios, foi necessário voltar no tempo. Primeiramente, conheceremos Saul (que, posteriormente, passaria a ser chamado de Paulo), jovem judeu fariseu, e o contexto social e político em que ele vivia. Do ponto de vista do contexto farisaico, o futuro do judaísmo consistia em ser o povo santo de Deus mediante a observância da Lei escrita e oral. Os fariseus aceitavam, e transmitiam, a crença da ressurreição e da imortalidade da alma e aguardavam a vinda do Messias. Para o farisaísmo do século I d.C., contudo, a chegada do Messias estaria ligada à libertação do domínio estrangeiro, à renovação religiosa do povo e a intervenção decisiva de Deus na história. Considerando o cenário da época, a vinda do Messias ainda pertencia ao futuro. Por esse motivo a afirmação, pelos seguidores de Jesus, de que o Messias já havia chegado consistia em uma ameaça direta à Lei – entendida como garantia da salvação –, sendo, portanto, de difícil possibilidade de aceitação.

Tão importante quanto o contexto social e político foi o cenário religioso e a perspectiva messiânica que marcavam o pensamento judaico na época, permitindo que Paulo reconhecesse Jesus como o Messias esperado. E, se Jesus era o Messias, ele era, então, o “Filho de Deus”, noções que caminhavam juntas no judaísmo.

A partir de Damasco, tudo muda na vida de Paulo. Sua identidade farisaica não é abandonada, mas ressignificada à luz da revelação de Cristo. Paulo realiza um giro radical em seu sistema sem romper, todavia, com suas raízes e tradições. A exigência que faz, como seguidor de Cristo, para o batismo dos gentios está fincada em um fundamento essencial do judaísmo, ou seja, abandonar completamente os deuses ancestrais e prestar culto exclusivamente ao Deus de Israel, Deus Único. Ele reconhece, assim, a realização da vocação de Israel de ser luz para as nações, e essa luz é destinada a todos, judeus ou gentios. A distinção entre as nações permanece, contudo, não se exige que os gentios se tornem judeus para receber o batismo e seguir Jesus, mas que abandonem por completo a idolatria. Na Carta aos Gálatas (3,23-29), Paulo expressa sua nova compreensão da relação entre Lei e fé afirmando que, em Cristo, as distinções entre judeus e gentios deixam de ser determinantes para a pertença do povo de Deus.

O evento ocorrido no caminho para Damasco é analisado à luz do livro dos Atos dos Apóstolos, por meio da comparação dos três relatos feitos por Lucas sobre esse assunto (At 9,22 e 26), além de menção à Carta aos Gálatas, que também descreve esse acontecimento. Destacamos a presença narrativa de um Paulo lucano e outro, paulino, e o que isso significa.

A pregação aos gentios tem origem na cidade de Antioquia da Síria. É ali que as dificuldades surgem e os enfrentamentos entre judeu-cristãos e cristão-gentios acontecem. Nessa parte do estudo vamos entender quem eram chamados de gentios, a condição principal para seguir a Jesus, segundo Paulo, e aquilo que era exigido pela igreja-mãe em Jerusalém. Veremos a primeira viagem missionária feita por Paulo e Barnabé, finalizando o trabalho com a análise do Concílio de Jerusalém.

Pesquisar como aconteceu a transformação vivida por Paulo, de judeu fariseu e perseguidor a apóstolo dos gentios, implica compreender em que medida essa mudança representou uma ruptura ou um novo entendimento de sua identidade religiosa, especialmente no que se refere à inclusão dos gentios sem a exigência da circuncisão e da observância das leis dietéticas. É nesse horizonte que se insere o presente trabalho, situado entre os anos 30 e 62 d.C., apoiado em pesquisa bibliográfica de autores diversos, bem como no livro dos Atos dos Apóstolos e das Epístolas Paulinas.

Saul, Saulo, Paulo

Então, ele viu Paulo se aproximando: um homem de estatura baixa, careca, de pernas arqueadas, saudável, de sobrancelhas unidas, um pouco narigudo, cheio de encanto. De fato, ora parecia um homem, ora parecia um anjo. (Atos de Paulo e Tecla, 3.1.1)

Na verdade, pouco se sabe sobre o aspecto físico de Paulo. Ele pode ter sido tão bonito quanto alguns atores que o representaram em filmes e séries ou um homem fraco e de linguagem desprezível, conforme declarado em sua segunda carta aos Coríntios (10,10) ou, ainda, careca e com as pernas arqueadas, como relatado nos Atos de Paulo e Tecla (SOARES, 2017, p. 87). Isso, contudo, é irrelevante. Paulo foi um furacão que percorreu as estradas romanas de sua época, anunciando o Evangelho de Jesus até morrer em Roma, conforme nos conta a tradição, entre os anos de 64-68 d.C., sob o governo do imperador Nero.

Esta descrição de um homem simples é uma das poucas existentes sobre qualquer dos apóstolos. Foi extraída do texto apócrifo chamado Atos de Paulo e Tecla, escrito provavelmente por volta do século II d.C. A imagem não é canônica e não foi aceita pela comunidade cristã da época, embora tenha desfrutado de grande popularidade em algumas comunidades. Nos Atos dos Apóstolos 22,3, Paulo é descrito por Lucas como judeu nascido em Tarso, na Cilícia, criado na cidade de Jerusalém e educado aos pés de Gamaliel¹, na observância exata da Lei² de seus pais, cheio de zelo por Deus. Na Epístola aos Filipenses 3,5-6 Paulo diz ter sido circuncidado ao oitavo dia, ser da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus; quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça que há na Lei, irrepreensível.

O que se conhece sobre a vida do apóstolo Paulo está concentrado nos Atos dos Apóstolos e em suas Epístolas – escritas por ele ou a ele atribuídas³ –, que traçam um retrato de sua personalidade apaixonada, dotada de uma “alma de fogo”, conforme descrito na introdução às *Epístolas de São Paulo na Bíblia de Jerusalém*. Saul (ou Saulo) nasceu em Tarso, cidade de cultura grega e capital da província romana chamada Cilícia. A cidade de Tarso esteve sob o domínio de várias potências estrangeiras: Império Assírio, Pérsia, Grécia, reinos selêucidas e, finalmente, o Império Romano. O general romano Pompeu incorporou a cidade ao Império Romano em 67 a.C. concedendo-lhe o título de metrópole. Seus cidadãos receberam o direito de cidadania romana a partir de 66 a.C. (VASCONCELOS, 2013, p. 17). Sendo assim, Saulo teria herdado esse direito por nascimento. Essa concessão, entretanto, ocorria raramente

¹ Gamaliel foi fariseu, líder do Sinédrio e reconhecido como Doutor da Lei. Neto de Hillel, o Ancião, um dos mais renomados sábios do judaísmo rabínico. Viveu entre o século I a.C. até meados do século II d.C. Seu nome é mencionado em At 5,34.

² Entende-se por “Lei” o conjunto de mandamentos, preceitos e normas dados por Deus a Israel por meio de Moisés, denominada Torá, isto é, Revelação. Contudo, Torah (תורה), é compreendida no movimento rabínico de modo amplo, ou seja, Escritura e Oralidade; a esse conjunto da Revelação chama-se de Torot (תורות).

³ É importante ressaltar que as epístolas de Paulo são respostas a situações concretas, problemas vividos pelas comunidades. São reconhecidas como cartas autênticas do Apóstolo Paulo: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filemom. São consideradas como deuteropaulinas (escritas provavelmente por discípulos, preservando seu pensamento e autoridade): a carta aos Efésios, aos Colossenses, 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito e a carta aos Hebreus (BECKER, 2007, p. 24).

e, mais raramente ainda, para judeus, pois conflitava com os deveres de um cidadão romano, principalmente o culto estatal que incluía o culto ao imperador e à sua força vital (BECKER, 2007, p. 60). De um modo ou de outro, Saulo (na época, já conhecido como Paulo), lançou mão desse direito para ser ouvido em Roma pelo então imperador Nero, segundo a tradição cristã.

O nome *Sha'ul* (שאול) em hebraico significa “pedido (a Deus)” e foi o nome do primeiro rei de Israel, pertencente à tribo de Benjamim. “*Saul*” é a forma transliterada⁴ para o grego e o latim do Antigo Testamento. *Saulos* (Σαῦλος) é a forma grega adotada no Novo Testamento; e “*Saulo*” é a tradução portuguesa de *Saulos*. O nome era comum entre os filhos nascidos na tribo de Benjamim, por remeter ao primeiro rei de Israel – um nome de honra e identidade judaica. É com este nome que o futuro Apóstolo dos Gentios é mencionado pela primeira vez nos Atos dos Apóstolos, no episódio do apedrejamento de Estevão, quando as testemunhas depõem seus mantos “aos pés de um jovem chamado Saulo” (At 7,58).

Mas como Saulo passou a ser conhecido como Paulo (em latim, *Paulus*)? Existem diferentes explicações para esse fato. A *Bíblia de Jerusalém* observa que os judeus - e os orientais em geral – costumavam adotar um cognome, ou seja, um apelido. Sua origem remonta ao sistema romano de nomes (o *tria nomina*⁵), em que o *cognomen* era um terceiro nome destinado inicialmente para distinguir indivíduos por alguma característica pessoal (como se fosse um apelido), tornando-se depois hereditário. Fala-se também que os judeus da diáspora⁶ usavam “um segundo nome romano-helenístico acusticamente semelhante” (BECKER, 2007, p. 63), como Silas e Silvano ou Josué e Jasão. Já São Jerônimo, no capítulo 5 de *De Viris Illustribus* (ou sobre os Homens Ilustres), afirma que Saulo tomou o nome de Paulo do procônsul de Chipre, Sérgio Paulo, o primeiro a acreditar em sua pregação (cf. At 13,4-12).

Em At 13,9, Lucas chama pela primeira vez Saulo pelo nome romano, Paulo, e assim o designará doravante. Na época do nascimento de Paulo, nos primeiros anos da era cristã, Tarso era uma cidade próspera e importante, situada na região sudeste da Ásia Menor (atual Turquia),

⁴ *Forma transliterada* refere-se à representação escrita da palavra ou texto de um sistema de escrita (como o alfabeto cirílico ou grego) para outro sistema de escrita (como o alfabeto latino), utilizando a correspondência fonética mais próxima possível entre os dois sistemas.

⁵ *Tria nomina* era o modelo de identificação usado pelos cidadãos romanos do sexo masculino e consistia, normalmente, em três nomes: *praenomen* (nome pessoal, usado em círculos íntimos, familiares), *nomen* (indicando a família ou linhagem a que a pessoa pertencia) e o *cognomen*.

⁶ O termo diáspora refere-se ao período em que parte da população de Judá foi deportada para a Babilônia após as campanhas militares de Nabucodonosor II. Esse período durou, aproximadamente, 71 anos, iniciando com a sujeição de Judá sob o reinado de Joaquim (609 a.C. cf. 2Rs 24,1) e encerrando com a publicação do decreto de Ciro, rei da Pérsia, em 538 a.C., permitindo o retorno dos exilados para Jerusalém (Esd 1,1-3). O exílio marcou profundamente a vida tanto de expatriados quando de remanescentes, influenciando na releitura e na redação da história e de antigas tradições.

às margens do rio Cidno (Cydnus), com acesso direto ao Mar Mediterrâneo Oriental, sendo um porto fluvial ativo. Localizada em uma rota estratégica entre o Oriente e o Ocidente, ligava a cidade às regiões da Mesopotâmia e da Síria. Essa dupla vantagem - porto fluvial e rota terrestre - fez de Tarso um ponto de encontro de mercadores de todo o Império Romano. Tarso também abrigava escolas de estoicismo, retórica e ciências naturais comparáveis às de Atenas e Alexandria, segundo Estrabão, geógrafo grego do século I a.C.⁷ Tarso era, de fato, um “microcosmo do ambiente helenístico mediterrâneo” (BECKER, 2007, p. 61) e Paulo respirou desses ares. A cidade também era famosa pela produção de linho e de um tecido feito com pelo de cabra, o *cilicium*, nome derivado da província da Cilícia. Este material era utilizado na fabricação de tendas, velas de navios e roupas e sustenta a informação sobre a atividade profissional de Paulo: fabricante de tendas, possivelmente de linho (cf. At 18,3).

Nascido em família de tradição judaica, Paulo descendia de galileus da tribo de Benjamim, provenientes da cidade de Gíscala, na Judeia (JERÔNIMO, De Viris Illustribus, Cap. 5). Sua família teria migrado para Tarso, provavelmente, em um momento anterior ao cerco de Gíscala, em 67 d.C. pelos romanos. Gíscala era uma cidade com população fiel à Lei e ao culto em Jerusalém (peregrinação ao Templo). Contudo, a região da Galileia apresentava traços culturais mistos, judaicos e helenistas, pois se situava na região do antigo Reino do Norte, conquistado sucessivamente por assírios, babilônios, persas, gregos e, finalmente, pelos romanos. Após a destruição do Primeiro Templo (586 a.C.) e o retorno do exílio da Babilônia, iniciado em 538 a.C., a reconstrução política concentrou-se em Judá e em Jerusalém, enquanto a Galileia permaneceu mais distante do centro religioso, embora habitada por judeus.

Durante os conflitos que antecederam à destruição do Primeiro Templo, muitos judeus foram deportados ou migraram voluntariamente para outras regiões do Império Romano, sendo conhecidos como judeus da diáspora. A família de Paulo pode ter se estabelecido em Tarso por existir ali uma comunidade judaica ativa e estruturada.

A influência do helenismo entre os judeus foi gradual, mas permanente e irreversível. Teve início no final da dominação persa e seguiu até a tomada da Judeia pelos romanos, marcada pela invasão militar a Jerusalém pelo general Pompeu em 63 a.C. O período helenista é marcado pela combinação entre elementos gregos e tradições locais dos povos conquistados, gerando expressões culturais únicas. Como exemplo, podemos citar a língua, modo de conversar e estudar, estilo de viver e se organizar na cidade, gosto por filosofia, retórica, arquitetura e participação nas novidades que os centros urbanos ofereciam: teatros, jogos,

⁷ Talvez de modo exagerado, de acordo com BECKER, 2007.

banhos e praças públicas (SCARDELAI, 2024, p. 206). Esse não foi, entretanto, um processo pacífico no que se refere ao povo judeu, gerando ferozes reações. O helenismo conquistador encontra adeptos entre certos judeus e a história das lutas travadas para a obtenção da liberdade religiosa e política está descrita em 1 e 2 Macabeus.

Em Tarso, Paulo cresceu e foi educado em um ambiente helenístico-judeu. Acredita-se que tenha frequentado uma instituição de ensino judaico-helenista⁸, embora também possa ter ouvido um retórico ou filósofo gentio durante a juventude. Supõe-se que ele conhecia o hebraico (para o estudo religioso, educação farisaica) e o aramaico (para comunicação com os judeus da Judeia e regiões vizinhas), mas, em seu cotidiano, falava a língua franca da diáspora: o grego *koiné* (BECKER, 2007, p. 85). A palavra *koiné* significa “comum” e esse dialeto era amplamente usado pelos judeus que viviam nas cidades helenizadas do Império Romano, funcionando como uma língua universal do comércio, dos negócios, da administração e da cultura no mundo mediterrâneo – de modo semelhante ao inglês na atualidade.

O contexto religioso judaico na época de Paulo

Na carta aos Filipenses, Paulo descreve a si mesmo como hebreu filho de hebreus, da raça de Israel, da tribo de Benjamim e fariseu. Apesar de ter crescido em uma cidade que permitia o encontro de várias culturas e sob grande influência helenista, trata-se de um homem judeu orgulhoso de ter preservado sua linhagem e tradições: um sobrevivente da diáspora. A deportação de povos conquistados era um costume antigo no Oriente Médio. A intenção dessa estratégia era eliminar qualquer tentativa de resistência, levando para o exílio aqueles que tinham maior influência junto ao povo, e tanto o Reino do Norte quanto o Reino de Judá, ao sul, viveram a experiência do exílio (cf. 2Rs 24-25). Essa experiência, entretanto, foi sentida como uma grande catástrofe, fez com que a população judaica experimentasse Deus fora dos muros do Templo, reafirmando sua identidade. Isso foi decisivo para o desenvolvimento do judaísmo pós-exílio.

Por isso Paulo carrega dentro de si o orgulho de dizer que é hebreu, filho de hebreus, da raça de Israel. Ao dizê-lo, Paulo confirma que é hebreu de nascimento, pertencente a uma família que preserva as tradições hebraicas apesar da influência helenista vivida na sua cidade natal. Ele é descendente étnico do povo eleito e especifica sua tribo de origem (tribo de

⁸ O judaísmo helenístico foi um movimento que buscava definir uma tradição cultural e religiosa entre judaísmo e helenismo, relativamente à cultura e à língua gregas, durante o período em que os judeus começaram a sair de Israel e espalhar-se pelo mundo. Período conhecido como diáspora. Evento marcante do judaísmo helenístico é a tradução da Escritura hebraica para o grego. Esse movimento durou até o século II (DÉMANN, 2021, p. 36)

Benjamim, uma das poucas que preservou sua identidade após o exílio da Babilônia (cf. Ne 11,4). Outro ponto importante: ele afirma ter sido circuncidado ao 8º dia, mostrando que não é um prosélito⁹ convertido ao judaísmo, mas nascido judeu e obedecendo à Lei desde o início (cf. Gn 17,12; Lv 12,3).

E, quanto à Lei, Paulo era fariseu. E o que significava ser fariseu?

Entre o período pós-exílio e a destruição do Segundo Templo em 70 d.C., especialmente a partir do século II a.C., a sociedade judaica organizou-se em diferentes segmentos, entre os quais podemos destacar: saduceus, zelotes, sicários, essênios, fariseus, os judeus da diáspora espalhados pelo Império Romano e o povo comum, formado por trabalhadores, artesãos e camponeses.

O termo saduceu deriva do hebraico *sadoc*, que a tradição bíblica associa ao sacerdote de Jerusalém, nos tempos dos reis Davi e Salomão (1Rs 2,35). Os saduceus, da tribo de Levi, formavam um grupo composto de membros da classe alta da Judeia, os principais responsáveis pelo exercício da autoridade religiosa estruturada com base no Templo (SCARDELAI, 2008, p. 121).

A partir do ano 6 d.C., sob administração direta dos romanos, o *múnus*¹⁰ do Sumo Sacerdote (saduceu), como presidente do Sinédrio¹¹, ganhou mais força e a aristocracia sacerdotal, conseqüentemente, ganhou mais poder. Esses sacerdotes eram representantes do santuário e politicamente responsáveis perante o dominador estrangeiro. Provavelmente, a maior preocupação dos saduceus fosse que o culto do Templo e a Lei continuassem sob a supervisão do sacerdócio constituído (BRIGHT, 1978, p. 629). Rejeitavam qualquer alteração ao *status quo* (MAIER, 2005, p. 272-273), qualquer mudança que pudesse afetar seu prestígio e poder na sociedade. Eram conservadores, só concediam autoridade à Torá¹² e nenhuma ao corpo da Lei oral explicada pelos escribas. Como consequência dessa postura, os saduceus rejeitavam a crença na ressurreição, na vinda de um Messias, as recompensas e castigos depois da morte, a demonologia e a angeologia e as especulações apocalípticas em geral (BRIGHT,

⁹ É chamado de *prosélito* um gentio (não judeu) que se converte ao judaísmo, adotando sua fé e práticas. É diferente daqueles chamados de “tementes a Deus”, que frequentavam a sinagoga, mas não se submetiam a todas as exigências da Lei (especialmente, não praticavam a circuncisão).

¹⁰ A palavra *múnus* se originou diretamente do latim *munus* e significa “dever”, “ônus”, “função”, “encargo”.

¹¹ Sinédrio: associação de juízes que a lei judaica ordena existir em cada cidade. O Talmude identifica duas classes de cortes de rabinos: O Grande Sinédrio (com 71 juízes), que funcionava também como Suprema Corte, e o Sinédrio Menor (23 juízes) que existia nas cidades.

¹² Em matéria de doutrina e culto, os saduceus defendiam a estrita aplicação da lei escrita da Torá. Privilegiavam apenas os Cinco Livros da Torá de Moisés (o Pentateuco da Bíblia Católica) como única fonte religiosa válida. Assumiam uma postura conservadora em matéria de direito e jurisprudência e não viam necessidade da ampliação de doutrinas que não contassem com o apoio literal da Torá (SCARDELAI, 2008, p. 121).

1978, p. 629). Essas ideias defendidas pelos saduceus não tinham grande influência sobre as classes populares e o povo mais simples. Por se tratar de grupo liberal-aristocrático, cuja existência dependia unicamente do Templo, os saduceus deixaram de ser um grupo influente tão logo o Templo de Jerusalém foi destruído, em 70 d.C. (SCARDELAI, 2008, p. 122).

Dentro da própria tribo de Levi, além do grupo saduceu, outros levitas exerciam tarefas auxiliares ligadas ao culto e ao funcionamento do Templo, como guarda, ensino, cânticos, manutenção do espaço, etc. Essa distribuição de funções entre os levitas pode ser confirmada em Nm 3,3-10. Assim, tanto os saduceus quanto os demais levitas, sem exceção, estavam ligados, de alguma maneira, à atividade religiosa. Era uma função hereditária.

Os zelotes, sicários, essênios e fariseus não faziam parte de uma classe hereditária, mas sim de movimentos religiosos/políticos dentro do judaísmo.

Zelotes e sicários surgiram a partir do século I d.C. Defendiam a resistência à dominação estrangeira e proclamavam que o “Reino de Deus” não viria pacificamente, mas deveria ser provocado e o uso da violência não era descartado. Convocavam a população, especialmente camponeses, a se juntarem à causa comum da luta contra a opressão romana. Acreditavam que sua vitória traria um novo reino na terra, alicerçado na justiça e na verdade (SCARDELAI, 2008, p. 124). Os sicários eram a ala extremista dos zelotes, e o seu nome tem origem no punhal curto que usavam para atentados políticos, escondido sob seus mantos, conhecido pelo nome de *sica*.

Os essênios eram um grupo religioso nascido no século II a.C. Acreditavam estar vivendo o fim dos tempos e preparavam-se para esse momento que, segundo eles, era iminente. Retiraram-se das preocupações mundanas, levando uma vida comunitária e ascética, separados da vida urbana, vivendo, em sua maioria, em Qumram (READER’S DIGEST, 1999, p. 30). O interesse por este grupo foi despertado novamente após a descoberta dos manuscritos do Mar Morto¹³, no final da década de 1940.

Os fariseus, assim como os essênios, têm sua origem no movimento hassídico do séc. II a.C. (BECKER, 2007, p. 68). A palavra fariseu vem da raiz verbal hebraica *parash*, que significa distinguir (separar), anunciar. Do verbo *parash* deriva o substantivo *perushim* que pode significar “separados” (RAMOS; MATOS, 2022, p. 42). Mas, separados do que ou de quem? Os fariseus defendiam a observância rigorosa da Lei Mosaica (Torá) e também da tradição oral (interpretações transmitidas por mestres). Eram tidos como “os mais perfeitos

¹³ Os Manuscritos do Mar Morto são uma coleção de textos e fragmentos de texto encontradas em cavernas em Qumram, no Mar Morto. Os manuscritos incluem partes da Bíblia Hebraica, livros apócrifos e livros sobre as regras sob as quais viviam os essênios.

conhecedores de nossas leis e de nossas cerimônias” (JOSEFO, 1974, p. 219). Além disso, os fariseus aceitavam a ideia da ressurreição e da imortalidade da alma, que seria julgada em um outro mundo e recompensada ou castigada conforme suas atitudes (JOSEFO, 1974, p. 219). Para eles, o futuro do judaísmo era ser o povo santo de Deus através da observância da Lei, escrita e oral; os judeus poderiam, assim, esperar o cumprimento das promessas que viriam no tempo de Deus (BRIGHT, 1978, p. 630). Poderíamos, então, especular que os fariseus estariam “separados” daqueles que não comungavam de sua pureza ritual, das pessoas que não observavam escrupulosamente a Lei ou que seguiam normas diferentes daquelas adotadas por eles. Entretanto, o rabino Haddad (2022, p. 58) propõe três tipos de possibilidades de entendimento para o conceito de “separados”, a saber:

- a) Primeira possibilidade: os piedosos (hassidim) se posicionam contrários ao poder político da época durante o período Hasmoneu. Neste sentido, os fariseus seriam dissidentes.
- b) Segunda possibilidade: os piedosos que praticavam meticulosamente os ritos de purificação, prescritos na Torá, e, por isso mesmo, se separavam dos demais que não observavam esses ritos. Todavia, isso não significava que havia desrespeito com quem não observava as purificações.
- c) Terceira possibilidade: comentadores (exegetas) da Torá. Esses se distinguiram pela centralidade que a Palavra de Deus ocupava em suas vidas, sempre buscando novas interpretações para explicar e bem viver essa palavra.

Sendo assim, podemos considerar que os fariseus eram homens que buscavam viver uma vida consagrada a Deus e, por isso, separados, mas não afastados do povo de Deus porque entendiam a missão que é colocada pelo profeta Isaías (Is 49,6): “[...] Também te estabeleci como luz das nações, a fim de que a minha salvação chegue até as extremidades da terra” (RAMOS; MATOS, 2022, p. 42-43).

Os fariseus não eram um grupo aristocrático ou sacerdotal, e com sua severidade moral conquistaram o respeito geral entre o povo. Foi através deles que a Lei oral foi transmitida e ampliada, até ser codificada no Mishná¹⁴ (por volta do ano 200 d.C), e completada no Talmud¹⁵ (BRIGHT, 1978, p. 630). Ao lado dos saduceus, os fariseus constituíam o grupo mais notável na vida pública da época, especialmente também no Sinédrio, acabando por constituir a única força judaica capaz de garantir para o judaísmo um novo começo depois da destruição do

¹⁴ Mishná: compilação de leis orais judaicas e serve como um complemento à Torá (lei escrita). É parte do Talmud.

¹⁵ Talmud: coletânea de textos judaicos sagrados. Registra as discussões rabínicas sobre a lei, ética, costumes e a história do judaísmo. É composto pela Mishná (lei oral) e pela Guemará (discussão detalhada da Mishna).

Templo entre 66-70 d.C. (MAIER, 2005, p. 285). Foram eles que reorganizaram a vida comunitária judaica sob os dois pilares da vida social e espiritual de Israel: a sinagoga e a Torá de Moisés (SCARDELA, 2008, p. 120). Não era necessário, para se tornar um fariseu, nascer de uma determinada família (ou tribo): era necessário, sim, estudar a Lei e seguir o rigor da tradição oral. Sacerdotes e escribas também poderiam integrar o grupo dos fariseus, embora a maioria dos seus membros fosse composta por leigos (BECKER, 2007, p. 68). Na época de Paulo, os fariseus já viviam reunidos com a finalidade de colocar o povo todo sob a ação santificadora da Torá mediante a prática de seus mandamentos.

A Lei prometia vida a quem a cumprisse. Saduceus e essênios concebiam essa vida prometida como a vida terrena do homem; o farisaísmo, ao contrário, ensinava, provavelmente desde o século I anterior à era cristã, que essa vida teria continuação no mundo vindouro, no início da qual haveria recompensa e castigo para o comportamento humano em relação à Torá no mundo atual (BECKER, 2007, p. 69-70). Lenhardt (2020¹, p. 83), vai além quando se refere a palavra recompensa nesse contexto, dizendo “a ressurreição para Israel, que dela se beneficia, não é uma recompensa, mas uma consequência”.

Pouco se sabe, efetivamente, da vida do apóstolo Paulo em seu período como fariseu. Em Atos 22,3, Paulo diz que foi criado em Jerusalém e educado aos pés de Gamaliel,¹⁶ na observância exata da Lei. Diz também, sobre esse período, que progredia no judaísmo mais do que muitos compatriotas de sua idade, distinguindo-se no zelo pelas tradições paternas (cf. Gl 1,14). Como ele não se refere a esses compatriotas como discípulos de um rabi, podemos pensar que Paulo foi educado na linha farisaica como orientação para a vida e não com o propósito de ele mesmo, no futuro, assumir um cargo de rabi. Ter estudado “aos pés de Gamaliel” confere grande destaque à figura de Paulo pelas mãos de Lucas através do livro dos Atos dos Apóstolos, já que Gamaliel foi um dos grandes rabinos de sua época, seguidor da escola de Hillel¹⁷. O autor Jürgen Becker pondera, entretanto, que Paulo poderia ter recebido a educação farisaica em qualquer sinagoga maior da diáspora, sem qualquer dificuldade, incluindo a cidade de Tarso (BECKER, 2007, p. 66).

Como fariseu rigoroso perante a Lei, Paulo acreditava em um Deus único, na possibilidade de uma nova vida após o término de nossa caminhada na Terra e de que essa

¹⁶ Gamaliel foi fariseu, líder do Sinédrio e reconhecido como Doutor da Lei. Neto de Hillel, o Ancião – um dos mais renomados sábios do judaísmo rabínico. Viveu entre o século I a.C. até meados do século 50 d.C.

¹⁷ Hillel, o Ancião, sábio judeu, viveu entre 60 a.C. e 9 d.C. Nascido na Babilônia e ativo em Jerusalém, foi autor de uma corrente interpretativa da Torá mais leniente e compassiva, baseada em princípios de justiça, humildade e paz, em contraste com a Casa de Shammai, que era mais rigorosa. A influência da Casa de Hillel perdurou por séculos.

possibilidade estaria atrelada à forma como vivemos e às decisões que tomamos (caminho da virtude ou do vício). Assim como os demais fariseus de sua época, entendia que os mandamentos da Lei deveriam ser levados em conta na vida cotidiana. Os fariseus se empenhavam de modo particularmente intenso nisso, no sentido de que as leis da pureza deviam ser observadas na vida diária, como programa para todo o povo de Israel, demarcando a separação em relação a todos os não-judeus. Seria desse modo que, sendo um judeu helenista, longe de sua cidade de origem e do Templo, Paulo estaria definindo a fronteira que o separaria daqueles que não seguiam a fé judaica, garantindo a manutenção de sua identidade (BECKER, 2007, p. 70-71).

A perspectiva messiânica no judaísmo

Em linhas gerais, salvo o período da Independência Hasmoneia (167-63 a.C.) ou outros períodos de alguma autonomia religiosa e administrativa, o povo judeu viveu cerca de 700 anos sob o domínio estrangeiro. Durante esse período vivenciaram escassez, exploração, opressão, frustração e exílio. O messianismo surge na história desse povo como uma forma de superar as adversidades sofridas e alimentar o desejo de restauração tanto no âmbito político quanto no religioso.

Durante os tempos antigos, a palavra messias era indistintamente aplicada a qualquer pessoa ungida com óleo. O cerimonial da unção concedia a mesma condição de ungido ao sacerdote, ao rei e ao profeta (SCARDELA; ROSSI, 2021, p. 123), em caráter permanente ou temporário. O termo grego aparece no Evangelho de Jesus Cristo segundo João (1,42; 4,25), indicando que no período da escrita do Novo Testamento ao menos uma parcela da população judaica estaria familiarizada com essa expressão.

Antes do período do Segundo Templo, a esperança messiânica não estava centrada na figura de uma pessoa, mas sim na ideia de um tempo em que Deus interviria na história do homem. Esse tempo se caracterizaria pela paz e harmonia entre os povos; pela purificação moral e religiosa; pela restauração da justiça social; pela prosperidade material. Na literatura profética encontram-se citações relacionadas a esse respeito (cf. Am 9,11-15, Os 2,16-25 e Is 2,1-5).

Embora o período do Segundo Templo se estenda do século V a.C. até sua destruição, em 70 d.C., é sobretudo no período do reinado de Herodes Magno (entre 37 a.C a 4 d.C.), sob o domínio romano, que passa a tomar forma a figura escatológica¹⁸ de um Messias ungido.

As manifestações de um agente redentor, de um Messias, estão relacionadas ao desenvolvimento da literatura apocalíptica judaica. Da mesma forma que a esperança de uma era messiânica está presente nos profetas mais antigos, o livro de Daniel inaugura o gênero apocalíptico que fora preparado por Ezequiel e que se difundirá na literatura judaica (JERUSALÉM, 2019, p. 1246).

A visão apocalíptica pressupunha que uma mudança dramática estava em curso na sociedade e sua efetivação somente aconteceria se houvesse uma transformação social ainda neste mundo. A vitória militar macabaica estabelecida sobre os selêucidas (167 a.C.) foi um marco para o advento do espírito messiânico judaico. Para os judeus, a expectativa de um reino messiânico era a extensão do reino desejado por Deus, alicerçado na justiça, no direito e na verdade. E foi o que impulsionou a expectativa sobre um Messias que libertaria Israel de seus opressores (SCARDELAI; ROSSI, 2021, p. 134-135).

O principal proponente da crença judaica no Messias foi o círculo farisaico-rabínico (SCARDELAI; ROSSI, 2021, p. 123), composto por fariseus que existiam antes da destruição do Templo (até 70 d.C.) e sobreviveram a essa tragédia pela observância da Torá, da tradição oral e da vida comunitária nas sinagogas, bem como pelos rabinos, que reorganizaram o judaísmo depois da referida destruição. Somente a tradição farisaica foi capaz de sobreviver após a destruição do Templo em 70 d.C.

O caminho para Damasco

Estando ele em viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente uma luz vinda do céu o envolveu de claridade. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: “Saul, Saul, por que me persegues?” (At 9,3-4).

A partir desse momento, descrito em Atos dos Apóstolos, tudo muda na vida do jovem judeu Saul. Obras feitas por pintores renomados como Caravaggio, Michelangelo ou Rubens retrataram essa passagem, e algumas delas colocam Paulo caindo de um cavalo. Essa imagem é comum na arte ocidental, talvez pela busca de uma dramatização visual ou pela tentativa de associar Paulo com a nobreza – andar a cavalo, naquela época, representava poder, posição

¹⁸ De um modo geral, a escatologia judaica estuda os eventos do “fim dos dias”, que são: a vinda do Messias (um líder humano da Casa de Davi, que trará uma era de paz e justiça), a ressurreição dos mortos (que ocorreria após a vinda do Messias e o Grande Dia de Julgamento), a restauração de Israel (vitória sobre a diáspora) e do Templo em Jerusalém e o reconhecimento universal de todas as nações que o Deus de Israel é o único e verdadeiro Deus.

social, *status*. Nenhuma referência a cavalos ou carruagens é encontrada em Atos dos Apóstolos para esse episódio. As imagens criadas por artistas do período Barroco e do Renascimento servem tão somente para nos transportar, através dos sentidos, para aquele momento tão decisivo e impactante para a história do apóstolo Paulo e do cristianismo.

O martírio de Estevão (cf. At 6-7), que acontece na presença de Paulo, pode ter sido o estopim para colocá-lo na direção de Damasco. Lembramos que Paulo, nesse momento, buscava suprimir mais uma seita que surgia em um período da história em que o judaísmo vivia grande diversidade religiosa e política, com o surgimento de várias correntes de pensamento, e ainda sob intensa dominação estrangeira.

Já vimos que Paulo, como fariseu, defendia o cumprimento da Lei, da tradição oral e da vida no Templo; movimentos que contestassem esses pilares eram, portanto, severamente combatidos. Mas o que o movia para se lançar de forma tão feroz contra os discípulos de Jesus? Paulo acreditava na vinda do Messias. Portanto, podemos dizer que o cerne da questão não está no fato daquele grupo específico acreditar que o homem chamado Jesus era o Messias. Na época de Paulo, Israel assistiu ao aparecimento de diversos movimentos populares semelhantes aos de Jesus, especialmente carregados por esperanças e crenças apocalípticas (SCARDELAI, 2008, p. 100). Muitos outros grupos já teriam seguido pessoas que se diziam ser o Messias ou foram aclamadas como tal (cf. At 5,34-38). Essa afirmação não era considerada blasfêmia por si só; mas quando os seguidores de Jesus questionaram a importância da Lei e o Templo, não foi possível tolerar (cf. At 6,13-15).

Paulo pede ao Sumo Sacerdote cartas para as sinagogas de Damasco a fim de poder trazer de volta para Jerusalém presos homens e mulheres que fizessem parte da comunidade de seguidores de Jesus (cf. At 9,2). E por que Damasco, dentre todas as outras cidades onde havia seguidores? A resposta para esta pergunta é incerta, mas podemos levantar hipóteses que nos ajudem a imaginar as razões dessa escolha.

Damasco estava localizada na província romana da Síria. Ficava entre 6 a 8 dias de viagem de Jerusalém (aproximadamente 240 km), em uma estrada segura e movimentada. Quando os cristãos fugiram para fora da Judeia, seguindo as rotas comerciais para a Síria, Damasco era a primeira grande cidade que encontravam. Havia, na cidade, a comunidade judaica tradicional e a comunidade de judeus cristãos. Convém observar que os judeus que acreditavam em Jesus continuavam, naquela época, frequentando a sinagoga, ao mesmo tempo que partiam o pão pelas casas (cf. At 2,46). Isso quer dizer que havia cristãos judeus organizados dentro das sinagogas, e não fora delas.

Nas sinagogas de Damasco formou-se uma comunidade cristã que tinha como base os fugitivos do círculo de Estevão, os quais, após o martírio deste, abandonaram Jerusalém e levaram a missão para as cidades costeiras até a Fenícia, incluindo Chipre e Antioquia (BECKER, 2007, p. 99; cf. At 11,19). O grupo de Estevão era conhecido como “helenista”. Os helenistas eram judeus que viveram fora da Judeia, adotando certa cultura grega e dispondo em Jerusalém de sinagogas particulares, em que a Bíblia era lida em grego (BIBLIA, 2019, p. 1911, nota b). Eles se diferenciavam dos demais cristãos de Jerusalém não só pela língua grega¹⁹ (os outros falavam a língua aramaica), mas por sua teologia, indo contra o Templo e a Lei (BECKER, 2007, p. 100; cf. At 6,13-14). Podemos, assim, inferir que a comunidade de Damasco seria, então, uma das mais importantes comunidades fora da Judeia e que representaria um risco para a fé judaica estabelecida, o que justificaria a preocupação do Sinédrio em Jerusalém. Por isso Paulo pede ao Sumo Sacerdote cartas para ir a Damasco, pois as sinagogas no exterior (Síria, no caso de Damasco) frequentemente obedeciam à autoridade de Jerusalém em questões religiosas. Paulo não tinha autoridade civil para prender ninguém em território romano. As cartas, entretanto, conferiam-lhe autoridade com base religiosa para realizar as prisões em nome do Sinédrio.

O encontro de Paulo com Jesus Ressuscitado no caminho de Damasco é descrito de forma mais detalhada no livro dos Atos dos Apóstolos. As cartas paulinas tratam dessa experiência como uma revelação pessoal, uma vocação que Paulo nos conta em primeira pessoa sem, entretanto, discorrer de forma narrativa. Dentre elas, Gálatas 1,11-17 apresenta o texto mais completo e direto sobre o assunto, no qual Paulo afirma que não recebeu o Evangelho de homens, mas de Deus, com a missão de revelá-lo aos gentios. A Carta aos Gálatas é considerada pela tradição cristã como uma das primeiras cartas de Paulo, escrita entre 53 e 55 d.C.

Em Atos dos Apóstolos o caminho de Damasco é narrado em três momentos distintos: primeiramente, o episódio é descrito por Lucas (cf. At 9,1-19); depois, Lucas usa a voz de Paulo para relatar novamente esse acontecimento em duas situações diferentes: no momento de sua prisão em Jerusalém, antes de ser recolhido à fortaleza Antônia (cf. At 22,1-16) e quanto Paulo, novamente preso em Cesareia, defende a si mesmo perante o rei Agripa (cf. At 26,5-20). Atos dos Apóstolos, assim como a literatura bíblica de uma forma geral, é uma narrativa teológica, não uma biografia de Paulo ou dos demais apóstolos. Entretanto, não é por este motivo que podemos pensar que Lucas se enganou ao repetir ou narrar o evento do caminho de Damasco de três formas diferentes, como se fosse uma liberdade poética reservada a autores.

¹⁹ Supõe-se que Paulo fosse habituado a falar a língua comum da diáspora: o grego (BECKER, 2007, p. 59).

Os três relatos apresentam variações entre si, como demonstra a tabela abaixo:

Tabela 1: Análise dos relatos sobre o encontro de Paulo com Jesus Ressuscitado no caminho de Damasco

At 9,1-19 Vocação de Saulo	At 22,1-16 Discurso de Paulo aos judeus	At 26,5-20 Discurso de Paulo perante o rei Agripa
(v.1) Paulo dirige-se ao Sumo Sacerdote, ainda respirando ameaças de morte contra os discípulos do Senhor.	(v.1-3) Paulo faz o discurso em hebraico ao povo em Jerusalém. Afirma a todos ser judeu, nascido em Tarso, mas criado em Jerusalém aos pés de Gamaliel, na observância da Lei.	(v.5-6) Paulo afirma que todos os judeus em Jerusalém sabem que ele vive como fariseu. Diz que está preso por causa da esperança na promessa feita por Deus aos pais de sua raça (os judeus).
(v.2) Pede ao Sumo Sacerdote cartas para as sinagogas de Damasco a fim de prender homens e mulheres pertencentes ao “Caminho” (seguidores de Jesus).	(v.4-5) Confirma sua perseguição de morte ao “Caminho” (seguidores de Jesus) e sua ida para Damasco com o objetivo de prender homens e mulheres pertencentes ao grupo.	(v.9-11) Relata sua participação na perseguição, prisão e morte dos “santos” (seguidores de Jesus).
(v.3) Uma luz vinda do céu envolve Paulo, que cai por terra,	(v.6) Já próximo de Damasco, por volta de meio-dia, uma grande luz vinda do céu brilhou ao seu redor.	(v.12-13) Diz que, no caminho para Damasco, por volta do meio-dia, uma luz vinda do céu, mais brilhante do que o sol circundou a Paulo e a todos que o acompanhavam.
(v.4) Ouve uma voz que lhe diz: “Saul, Saul, por que me persegues?”.	(v.7) Paulo cai no chão e ouve uma voz que pergunta: “Saul, Saul, por que me persegues?”	(v.14) Paulo cai por terra e ouve uma voz que lhe fala em língua hebraica: “Saul, Saul por que me persegues?”
(v.5) Paulo pergunta quem fala com ele através daquela luz e Jesus responde: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues”.	(v.8) Paulo pergunta: “Quem és, Senhor?” e recebe como resposta “eu sou Jesus, o Nazareu, a quem tu persegues”.	(v.15) Paulo pergunta: “quem és, Senhor?” e ouve como resposta: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues”
(v.6) Paulo recebe ordem de levantar e entrar na cidade (Damasco), onde lhe será dito o que fazer.	(v.10) Paulo é orientado a levantar e entrar em Damasco, onde lhe seria dito o que fazer.	(v.15-17) E continua “mas levanta-te e fica firme em pé, pois este é o motivo por que te apareci: para constituir-te servo e testemunha da visão na qual me viste e daquelas que ainda terás. Receberão, pela fé em Jesus, a remissão dos pecados e a herança entre os santificados”.

At 9,1-19 Vocação de Saulo	At 22,1-16 Discurso de Paulo aos judeus	At 26,5-20 Discurso de Paulo perante o rei Agripa
(v.7) Os homens que o acompanhavam ouviam a voz, mas não viam ninguém.	(v.9) Os homens que estavam com ele viam a luz, mas não escutavam a voz que falava com ele.	Sem menção aos homens que o acompanhavam na viagem.
(v.8-9) Paulo perde a visão e é conduzido pelos homens que o acompanhavam para entrar na cidade. Fica 3 dias sem ver, comer ou beber.	(v.11) Paulo é levado para Damasco pelos homens que estavam com ele, pois o fulgor da luz o deixou sem enxergar.	Sem menção à perda de visão de Paulo pela luz.
(v.10) Surge a figura de Ananias, discípulo em Damasco.	(v.12) Ananias é caracterizado como homem piedoso segundo a Lei, de quem davam bom testemunho todos os judeus da cidade.	Sem menção à figura de Ananias.
(v.11-12) Deus instrui a Ananias a procurar na rua Direita, na casa de Judas, um homem chamado Saulo, de Tarso. Fala sobre a visão de Saulo onde Ananias lhe restauraria a visão pela imposição das mãos.	Sem menção à visão recebida por Ananias	Sem menção à visão recebida por Ananias
(v.13-14) Ananias hesita por saber dos males causados por Paulo e das cartas que ele trazia consigo para prender homens e mulheres seguidores de Jesus.	Sem menção à hesitação de Ananias.	Sem menção à hesitação de Ananias.
(v.15) Deus insiste e diz a Ananias que Paulo é instrumento para levar o Seu nome diante das nações pagãs, dos reis e dos israelitas.	(v.15) Ananias diz a Paulo: “Tu serás testemunha de Deus diante de todos os homens, do que viste e ouviste.	(v.17-18) Eu te enviarei ao povo e às nações gentias para lhes abrires os olhos e assim se converterem das trevas à luz.
(v.17) Ananias vai em busca de Paulo e confirma que Jesus, aquele que havia aparecido para ele no caminho para Damasco, o enviou até ele. Impõe sobre Paulo suas mãos e explica que faz isso para que ele recupere a visão e fique repleto do Espírito Santo.	(v.13-14) Ananias fica de pé diante dele e diz: “Saul, meu irmão, recobra a vista”, o que acontece imediatamente. Diz ainda: “O Deus de nossos pais te destinou para conheceres a Sua verdade, veres o Justo (Cristo) e ouvires a voz saída de Sua boca. Sem menção à presença do Espírito Santo.	Sem menção à participação de Ananias na recuperação da visão de Paulo e seu testemunho. Sem menção à presença do Espírito Santo.
(v.18) Caem dos olhos de Paulo “escamas” e ele recupera a visão.	Sem menção às “escamas” nos olhos de Paulo.	Sem menção às “escamas” nos olhos de Paulo

At 9,1-19 Vocação de Saulo	At 22,1-16 Discurso de Paulo aos judeus	At 26,5-20 Discurso de Paulo perante o rei Agripa
(v.19) Paulo recebe o batismo e, depois, se alimenta.	(v.16) Ananias exorta Paulo a receber o Batismo, lavando-se dos pecados em nome de Jesus.	Sem menção ao Batismo de Paulo.
Termina com o Batismo de Paulo.	Termina com o Batismo de Paulo	(v.19-20) Paulo confirma que, após a visão celeste, anunciou aos habitantes de Damasco, aos de Jerusalém, em toda a região da Judeia e depois aos gentios o arrependimento, a conversão a Deus com práticas de obras dignas de arrependimento.

Segundo Marguerat, At 9 é o primeiro na hierarquia das instâncias narrativas. At 22 e 26 apresentam-se como novas interpretações retrospectivas dos acontecimentos no caminho de Damasco, atribuídas pelo autor (Lucas) ao seu ator principal, Paulo (2003, p. 206-207). Lucas não está repetindo o mesmo evento, mas interpretando-o para públicos diferentes e, provavelmente, com intenções distintas.

O que é comum aos três relatos?

- A definição de Paulo como perseguidor da comunidade de seguidores de Jesus (o “Caminho”);
- Uma luz celestial que aparece no caminho para Damasco;
- Uma voz que identifica Jesus como o perseguido;
- Paulo, recebendo uma missão divina.

At 9 é a descrição histórica de Lucas, que tem como público-alvo a comunidade cristã nascente (judeus e gentios) e mostra como Deus transforma um perseguidor em apóstolo. A transformação de Paulo no caminho de Damasco faz parte de uma sequência iniciada no capítulo 8, com a perseguição da igreja de Jerusalém e o martírio de Estevão (MARGUERAT, 2003, p. 208). Mostra que a conversão de Paulo, que passa de negador de Cristo ao anunciador do Messias, é obra direta de Deus. Entretanto, o divino, no texto de Lucas, precisa da mediação humana, da comunidade, para se manifestar. No texto, é a figura de Ananias que representa esse papel, recuperando a visão de Paulo pela imposição das mãos, em nome de Jesus e, posteriormente, levando-o para ser batizado. “Ananias partiu. Entrou na casa, impôs sobre ele as mãos e disse: “Saul, meu irmão, o Senhor me enviou, Jesus, o mesmo que te apareceu no caminho por onde vinhas. É para que que recuperes a vista e fiques repleto do Espírito Santo” (At 9,17).

Além disso, é para Ananias que a missão de levar o nome de Deus às nações pagãs, aos reis e aos israelitas é revelada. Os companheiros de viagem de Paulo ouvem a voz, mas não veem ninguém. As escamas aqui também são símbolos importantes: representam a passagem das trevas para a Luz. A cegueira é a ignorância espiritual, a ausência de compreensão da vontade de Deus. Quando “caem as escamas”, o processo de transformação está concluído. Lucas está enfatizando para a comunidade que a conversão tem efeitos visíveis e possíveis de serem reconhecidos nas pessoas que passam por ela.

Em At 22 Paulo é acusado de falar contra o povo, a Lei e o Templo e é salvo do linchamento pela guarnição romana que ficava aquartelada na Fortaleza Antônia. Ele discursa em aramaico para um grupo de judeus hostis e é esse o público para quem Lucas escreve – os judeus de Jerusalém, na tentativa de defender Paulo da acusação de apostasia²⁰ e mostrar que sua missão tem raiz no Deus de Israel. A fórmula do versículo 3²¹ não é apenas uma declaração de identidade: reforça a ininterrupta fidelidade de Paulo à tradição judaica (MARGUERAT, 2003, p. 215). Com este propósito, o autor coloca Paulo afirmando ser judeu e tendo sido criado aos pés de Gamaliel. Ananias, nesta versão, não é seguidor de Cristo e não realiza milagre em nome de Jesus, mas é descrito como “homem piedoso segundo a Lei, de quem davam bom testemunho todos os judeus de Damasco” (At 22,12), o que seria um ponto positivo aos olhos da comunidade judaica de Jerusalém. Essa caracterização possibilita que Ananias seja o transmissor da mensagem de Deus, agindo como um profeta do Antigo Testamento (“o Deus de nossos pais te predestinou para conheceres a sua vontade, veres o Justo e ouvires a voz saída de Sua boca”, At 22,14). Ananias ainda fala em At 22,15 que Paulo será testemunha de Deus, diante de todos os homens, de tudo o que visse e ouvisse – sem mencionar as nações pagãs – mostrando, assim, que sua missão vem de Deus, não se trata de uma iniciativa pessoal. O Espírito Santo não é mencionado.

Nessa versão, os acompanhantes viram a luz, mas não ouviram a voz. Essa estrutura narrativa é conhecida em outras passagens da Bíblia, nas quais o povo percebe sinais, mas apenas o profeta compreende o seu significado. Eles testemunham o evento – a grande luz que veio do céu – mostrando que não foi um acontecimento particular, privado ou subjetivo. No judaísmo, segundo a tradição bíblica, a verdade exige testemunhas e uma experiência puramente privada poderia ser rejeitada (cf. Dt 17,6; 19,15). Por isso Lucas estabelece uma

²⁰ Apostasia, (do grego *apostates*, "rebelde") é o abandono voluntário da fé e da aliança com Deus, virando-se para outras divindades ou filosofias, visto como uma rebelião grave contra Deus e Israel, punível na Torá com a morte.

²¹ At 22,3: “Eu sou judeu. Nasci em Tarso, da Cilícia, mas criei-me nesta cidade, educado aos pés de Gamaliel na observância exata da Lei de nossos pais, cheio de zelo por Deus, como vós todos no dia de hoje.”

relação entre Paulo e seus acompanhantes, enfatizando a presença de testemunhas no momento do acontecimento.

Também a menção do batismo é importante, dialogando com práticas judaicas conhecidas de purificação. Ananias, em At 22,16, diz: “E agora, que esperas? Recebe o batismo e lava-te dos teus pecados invocando o Seu nome”. O batismo é um dos rituais mais importantes na tradição cristã, e o elemento fundamental utilizado para a prática desse ritual é a água. Ela nos convida à reflexão e à transcendência, uma vez que nos remete, junto ao imaginário coletivo, a dimensão do sagrado. Por esse motivo, ela pode ser associada com a ideia da purificação ou reanimação. O ritual de imersão (batismo) tem como pano de fundo o sentido de purificação. Rituais de imersão com intenção de se obter purificação eram – e ainda são – algo frequente nas tradições religiosas. Existem diversas passagens na Bíblia Hebraica que apontam para a função purificadora da água (cf. Lv 14,8-9; 15,5-8; Nm 19,7). Muitos grupos religiosos no tempo de Jesus, como os saduceus, fariseus e essênios, praticavam rituais de purificação com a perspectiva cultural (RAMOS, 2022, p. 18-20). Sendo assim, através da água e da expressão “lava-te”, o autor cria uma ponte, uma referência, para estabelecer uma conexão com aquele grupo. Essa construção aparece exclusivamente em At 22.

Em At 22,17-21 encontramos o ponto alto do texto, como um fechamento para o encontro em Damasco: a cena do êxtase de Paulo no Templo, em Jerusalém. Paulo, em oração, vê a Jesus e recebe a última confirmação relacionada à sua vocação: “Apressa-te, sai logo de Jerusalém, porque não acolherão o teu testemunho a meu respeito”. “Vai, porque é para os gentios, para longe, que quero enviar-te” (22,18; 22,21). A forma como este momento é narrado dá ao leitor a impressão de que ele ocorreu na sequência ao discurso de Paulo aos judeus na escadaria da Fortaleza Antônia, embora isso não tenha acontecido. A Bíblia de Jerusalém nos fala que havia se passado algum tempo entre um acontecimento e outro, algo em torno de 3 anos (2019, p. 1944, nota a). Novamente, Lucas busca coerência, concluindo a narrativa com a confirmação de que a missão aos gentios era uma ordem divina, e uma ordem recebida no Templo. Não é à toa que o Templo foi escolhido: ele cumpre uma função teológica. O fato de Paulo se encontrar lá, em oração, testemunha mais uma vez sua lealdade à tradição judaica. O discurso de Paulo em Atos 22 quer ressaltar, portanto, que sua biografia deveria ser suficiente para convencer a todos de que sua mensagem não é nada além de fruto de um zelo impecável para com o Deus de seus antepassados (MARGUERAT, 2003, p. 217-218).

Chegamos, finalmente, em Atos 26, em que Paulo (preso mais uma vez) apresenta seu caso ao rei Agripa II, Festo e outras autoridades romanas. Lucas, com essa versão, adapta a narrativa para leitores gentios e comunidades cristãs que viviam no mundo greco-romano, sob

influência helenista. O rei Agripa, destinatário do discurso, é caracterizado como especialista nos costumes e controvérsias dos judeus e, por isso, a explanação de Paulo vai mostrar que as acusações sofridas são apenas uma questão de controvérsia interna, que não se justificam. A esperança judaica encontra sua realização na ressurreição do Messias (cf. At 26,3) e o caminho de Damasco é apresentado como prova convincente desse acontecimento (MARGUERAT, 2003, p. 220). Como vimos anteriormente, a crença no Messias era uma das características do farisaísmo. Marguerat comenta que, nessa parte do texto, Lucas “força a mão” ao resumir toda a fé judaica na crença da ressurreição (2003, p. 220). Mas não era Paulo fariseu? Que argumento teria para ele maior força?

A figura de Ananias desaparece em At 26, e os companheiros de viagem de Paulo são mencionados apenas no v. 13. Não existe cegueira ou recuperação de visão por meio de milagre. Nada é falado a respeito do batismo ou sobre a presença do Espírito Santo. É dada ênfase ao caráter profético da missão de Paulo junto ao povo e às nações gentias.

Tanto Gálatas quanto Atos dos Apóstolos concordam que Damasco foi o momento crucial no que se refere à revelação e vocação de Paulo. A partir daí, a história é contada de formas ligeiramente diferentes, mas nem por isso menos cativante ou incorreta. Existe um Paulo “lucano” e outro “paulino”. O primeiro Paulo é narrado por Lucas nos Atos dos Apóstolos, documento escrito décadas depois da Carta aos Gálatas, por necessidade de ordem e de memória. Paulo tem papel preponderante na obra de Lucas, já que mais da metade do livro dos Atos dos Apóstolos é dedicado a ele e a sua missão junto aos gentios. Segundo a Bíblia de Jerusalém, Lucas atribui ao Apóstolo atitude mais conciliadora do que a que aparece nas epístolas. O segundo Paulo é aquele que fala de si mesmo através de suas próprias cartas, surgindo como apóstolo por revelação direta de Jesus. Paulo escreve para resolver conflitos reais e urgentes existentes nas comunidades por ele fundadas, defendendo sempre o Evangelho e sua missão. As diferenças não configuram contradição; refletem perspectivas e finalidades distintas que na tradição cristã se complementam para a compreensão da figura e da missão do Apóstolo Paulo.

A “conversão” de Paulo

É comum nos depararmos com textos que falam sobre a *conversão* de Paulo no caminho para Damasco. E, na maioria das vezes, a palavra *conversão* nos leva a pensar em Paulo abrindo mão do judaísmo. A figura do judeu perseguidor que se transforma no cristão convertido, pregando a mensagem de justificação pela fé em Jesus Cristo, dominou os estudos bíblicos por muito tempo. Entretanto, quando Paulo foi transformado por sua experiência, o cristianismo

ainda não existia como religião estabelecida. Assim, parece mais adequado afirmar que Paulo mudou de grupo religioso dentro do judaísmo, mas não de religião (HAWTHORNE; MARTIN; REID, 2008, p. 261-266).

Paulo, após sua experiência de fé em Jesus como o Messias, se junta a um grupo diferente dentro do judaísmo existente naquela época, distanciando-se daquele do qual fez parte no passado, mas ainda assim judeu. A ideia de fundar uma nova religião era um pensamento completamente estranho para Paulo, assim como foi para Jesus. Aliás, ousamos dizer que nunca foi um pensamento de fato. Lembrando que apenas o povo judeu acreditava na vinda de um Messias (essa figura não existia no mundo pagão), a pergunta seria se você, judeu, acreditava que Jesus seria o Messias. No caso de uma resposta negativa, você continuaria aguardando a vinda tão esperada. Para Paulo e demais seguidores do Caminho, não era mais necessário esperar.

A palavra *conversão* não descreve completamente o evento em questão, pois o que aconteceu foi muito mais do que uma mudança de valores, de hábitos ou de visão. Da mesma forma, a expressão hebraica *teshuvá* (em hebraico תשובה, literalmente retorno ou, ainda, arrependimento) também não é adequada. O sentido da palavra hebraica *teshuvá* é o retorno a Deus, à retidão para as quais a pessoa foi criada, decisão de abandonar os pecados e voltar para Deus de coração e alma. Paulo, neste sentido, nunca esteve afastado de Deus. Em At 22,3, é descrito como “judeu [...] na observância exata da Lei de nossos pais, cheio de zelo por Deus”. Quando teria ele estado longe de Deus para ter que retornar?

A palavra metanoia (μετάνοια), de origem grega, pode ser melhor utilizada neste contexto. Ela significa mudança essencial de pensamento, de caráter, de caminho. Transformação espiritual. Mudança de mentalidade. Vai além de arrependimento, embora este também faça parte do processo, pois trata de uma mudança radical de rumo e propósito de vida.

Paulo passa a ter um novo propósito a partir do encontro de fé com Jesus, servindo ao mesmo Deus. Como judeu, ele devia levar a mensagem de Deus aos gentios. Sua experiência não o levou a uma nova religião, mas a um novo entendimento da Lei dentro do judaísmo existente (HAWTHORNE; MARTIN; REID, 2008, p. 266).

Essa nova compreensão da Lei e da fé pode ser percebida de forma clara na Carta aos Gálatas:

Antes que chegasse a fé, nós éramos guardados sob a tutela da Lei para a fé que haveria de se revelar. Assim a Lei se tornou nosso pedagogo até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. [...] Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus. E se vós sois de Cristo, então sois descendentes de Abraão, herdeiros segundo a promessa (Gl 3,23-29).

Os escritos de Paulo, isto é, suas cartas às diferentes comunidades, inauguraram os textos do Novo Testamento, no final da década de 50 d.C., e apresentam a fé em Jesus Cristo como o Messias esperado em paralelo à existência do Segundo Templo, que não havia sido destruído ainda. Paulo não imaginava a possibilidade de sua destruição ou pensava em uma realidade religiosa sem a sua existência. Ao contrário, ele irá enfatizar a importância do Templo, estendendo o seu aspecto sagrado às pessoas ou às comunidades, (PASSETO, 2021, p. 6): “Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo, e esse templo sois vós” (1Cor 3,16-17).

A experiência paulina foi rica demais para tentarmos enquadrar em categorias que são por nós conhecidas agora. Da morte de Jesus até a destruição de Jerusalém, os seguidores do movimento de Jesus faziam parte de uma entre muitas seitas judaicas dentro do universo do judaísmo existente. Mas esse movimento, por acolher não-judeus, abriu portas para a consolidação do que hoje entendemos como cristianismo. E o principal propagador do movimento de Jesus fora da Judeia foi Paulo de Tarso, um judeu da diáspora familiarizado com o estudo e interpretação das Escrituras e com o mundo helenista (SCARDELA, 2008, p. 104).

Sendo assim, mais uma palavra para somarmos àquelas já discutidas aqui: vocação. E talvez vocação seja a consequência, o resultado da rica experiência vivida. Vocação, em sentido bíblico, é um chamado de Deus para uma missão a qual o homem responde com sua liberdade de escolha. Paulo foi chamado para ser o Apóstolo dos gentios, e disse sim. E enfrentou muitos desafios, como veremos a seguir.

A pregação aos gentios

Em Damasco, o etnarca²² do rei Aretas guardava a cidade dos damascenos no intuito de me prender. Mas por uma janela fizeram-me descer em um cesto ao longo da muralha, e escapei às suas mãos (2Cor 11,32-33).

Estima-se que Paulo percorreu mais de 15.000 km ao longo de sua vida missionária. Sofreu naufrágio, apedrejamento, espancamento, prisões em sua missão de propagar o Evangelho de Jesus a todos – judeus, mas, sobretudo, gentios.

Eram considerados gentios aqueles que estavam fora da aliança com Deus. Gentios eram aqueles que não haviam sido circuncidados (sinal da aliança, cf. Gn 17,9-14), não observavam a Lei Mosaica e não participavam do culto do Templo Sagrado em Jerusalém. Para o judaísmo

²²Etnarca (do grego *ethnos*, "nação/tribo", e *archon*, "governante") significa um governador de província ou distrito, especialmente na Antiguidade Clássica, sendo um título dado por Roma a soberanos locais.

do século I, ser judeu era, sim, uma questão de crença, mas também uma questão de identidade étnica e cultural. Os judeus orgulhavam-se de possuir a Lei, de sua posição privilegiada como povo de Deus, de falar a língua usada por Deus na criação e de ter na Cidade Santa o centro da Terra. Esse orgulho serviu para manter viva a religião de Israel. Entretanto, nunca se perdeu o senso de sua missão mundial. Os profetas do período da restauração, preocupados com a pureza religiosa da comunidade, mesmo assim esperavam o tempo em que os estrangeiros acorreriam a Sião (Is 56,1-8; 66,18-21; Zc 2,11; 8,22-23; Ml 1,11; BRIGHT, 1978, p. 607).

Os gentios não eram vistos da mesma forma. Havia, por assim dizer, “categorias”. Os gentios pagãos eram adoradores de outros deuses, associados à impureza ritual; os tementes a Deus eram simpatizantes do judaísmo, frequentavam a sinagoga, respeitavam a Deus e certos preceitos morais, mas não praticavam a circuncisão; os prosélitos eram os gentios convertidos ao judaísmo, que aceitavam a circuncisão e a observância da Lei Mosaica.

A convivência entre judeus e gentios não era algo trivial. Trazer os gentios para a comunidade de seguidores de Jesus não foi uma tarefa fácil. Inicialmente, apenas os gentios que tivessem se convertido ao judaísmo e concordado em obedecer às suas leis, realizando a circuncisão, podiam ser batizados em nome de Jesus (READER'S DIGEST, 1999, p. 44). Paulo questiona essa necessidade, pois os gentios que receberam a fé em Jesus Cristo não estariam sujeitos aos mandamentos dos judeus. Nada havia mudado do ponto de vista da escolha de Deus e Sua Aliança com Israel, mas tudo havia mudado em relação aos gentios. A proclamação da vinda do Messias preenche a vocação de Israel de ser luz para as Nações (cf. Is 49,6), as quais, conseqüentemente, passam a ter acesso às promessas reservadas anteriormente somente a Israel (PASSETO, 2021, p. 14,16-17).

A condição principal para ser seguidor de Jesus, segundo Paulo, era abandonar completamente o culto aos deuses já que, no período antigo, cada povo, cada cidade, tinha o seu deus e se vivia de acordo com os costumes dos ancestrais. Essa exigência de Paulo é o fundamento do judaísmo: o Deus Um é único e somente a Ele deve-se prestar culto (PASSETO, 2021, p. 17). Além disso, discutia-se também sobre a necessidade da circuncisão na nova ordem trazida por Cristo e sobre as leis dietéticas – redimensionamento dos alimentos puros e impuros (SCARDELA, 2008, p. 105).

Entretanto, como se deu essa passagem, como Paulo se transformou no apóstolo dos gentios? Teria ele saído em pregação imediatamente após a revelação na estrada para Damasco, a recuperação da visão e o recebimento do batismo? Teria sido ele acolhido nas comunidades que visitava? Os judeus não compreendiam como o perseguidor havia se transformado em

seguidor; já os perseguidos, provavelmente, desconfiavam da figura que se apresentava com nova roupagem e talvez pensassem: “Teria ele mudado, realmente?”

Saulo esteve alguns dias com os discípulos em Damasco e, imediatamente, nas sinagogas, começou a proclamar Jesus, afirmando que é o Filho de Deus. Todos os que o ouviam ficavam estupefatos e diziam: Mas não é este o que devastava em Jerusalém os que invocavam esse nome, e veio para cá expressamente com o fim de prendê-los e conduzi-los aos chefes dos sacerdotes? Saulo, porém, crescia mais e mais em poder e confundia os judeus que moravam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo (At 9,19-22).

Pela passagem descrita acima, podemos concluir que Paulo permaneceu em Damasco após recuperar a visão e receber o batismo, pregando nas sinagogas. Não temos maiores informações sobre as dificuldades por ele enfrentadas durante esse tempo. Podemos, entretanto, imaginar o quão desafiador foi para ele.

O livro dos Atos dos Apóstolos nos dá referências sobre os passos de Paulo a partir daquela cidade, mas é em suas cartas que temos mais detalhes. Em At 9,23, é dito que “decorridos muitos dias, os judeus deliberaram entre si para matá-lo”. É em Gl 1,17-21, porém, que tomamos conhecimento do que aconteceu e do intervalo de tempo. Como já sabemos, após a revelação do Cristo, Paulo permaneceu em Damasco. De lá, ele partiu para a Arábia, mais especificamente para o reino dos Nabateus (BÍBLIA, 2002, p. 2032, nota c), ao sul de Damasco. Da Arábia, Paulo voltou para Damasco e lá ficou por três anos (BÍBLIA, 2002, p. 2032, nota d). Perseguido pelo rei Aretas, ele foge de Damasco descendo por um cesto ao longo das muralhas da cidade (cf. 2Cor 11,32-33) e vai para Jerusalém. Ainda de acordo com Gl 1,17-21, em Jerusalém Paulo encontra Pedro (ou Cefas, forma aramaica mais antiga) e com ele fica por 15 dias. Durante esse tempo também conhece Tiago.

Em At 9,26-30 narra-se a chegada de Paulo a Jerusalém. Apesar de tentar associar-se aos discípulos, todos tinham medo dele. Lembram da figura do perseguidor que vira seguidor? É no versículo 26 que este aspecto fica claro. Foi necessária a intervenção de Barnabé, que testemunha em favor de Paulo perante a comunidade de Jerusalém, abrindo-lhe as portas. Paulo falava com todos, judeus e helenistas. Correndo risco de vida (novamente), ele sai de Jerusalém em direção a Cesareia, e de lá para Tarso. Paulo seguia fazendo aliados e adversários.

A partir do versículo 31, o livro dos Atos dos Apóstolos muda o foco da narrativa para a consolidação e expansão da Igreja nascente. Para todos os efeitos, Paulo permaneceu em Tarso. As Igrejas da Judeia, Galileia e Samaria viviam um período de tranquilidade (At 9,31). Destaca-se o papel de Pedro, que visita outras comunidades, realiza milagres em nome de Jesus (cf. At 9,32,35; 36-43) e testemunha a ação do Espírito Santo que culmina com a conversão de Cornélio, centurião romano – um gentio, portanto (At 10,1-48). É nessa passagem que Pedro

tem a visão sobre o puro/impuro no que se refere às leis dietéticas até então seguidas por ele e pelos demais seguidores do Caminho.

Viu um céu aberto e um objeto que descia, [...] Dentro havia todos os quadrúpedes e répteis da terra, e aves do céu. Uma voz lhe falou: “Levanta-te, Pedro, imola e come!” Pedro, porém, replicou: “De modo nenhum, Senhor, pois jamais comi coisa alguma profana e impura”. De novo, pela segunda vez, a voz lhe falou:” Ao que Deus purificou, não chames tu de profano” (At 10,11-15).

Chamado a justificar-se em Jerusalém por ter entrado em casa de incircuncisos e comer com eles enquanto estava em Cesareia, Pedro relata a descida do Espírito Santo sobre os gentios e pergunta: “Quem seria eu para impedir a Deus de agir?” (At 11,17) ao que a comunidade responde: “Logo, também aos gentios Deus concedeu o arrependimento que conduz à vida” (At 11,18). Parecia haver consenso sobre este tema; entretanto, ainda não era bem assim.

Os fugitivos do grupo de Estevão anunciavam o Evangelho de Jesus Cristo fora da região da Judeia, e espalharam-se até Antioquia, capital da província romana da Síria, à margem do rio Orontes. É importante destacar a importância da cidade de Antioquia naquele período. Ela era a terceira cidade do Império Romano, depois de Roma e Alexandria (BÍBLIA, 2002, p. 1922, nota a). Cidade rica e cosmopolita, onde barreiras de religião, raça e nacionalidade eram facilmente transpostas, e onde a tolerância era motivo de orgulho, Antioquia era a base de operações perfeita para a difusão do nascente cristianismo (HAWTHORNE, MARTIN; REID, 2008, p. 92). A cidade é mencionada pela primeira vez em At 6,5, na figura de Nicolau, prosélito do grupo de Estevão. Os judeus helenistas que fugiram de Jerusalém, de Chipre e de Cirene anunciavam o Evangelho de Jesus naquela cidade tanto para judeus quanto para gregos, e a Boa Nova se espalhou de forma rápida e abrangente.

A Igreja de Jerusalém, detentora de um direito de certa vigilância sobre as outras igrejas (BÍBLIA, 2002, p. 1922, nota d), ao saber do número crescente de fiéis em Antioquia, envia Barnabé para lá, que ao chegar maravilha-se com o que vê. Posteriormente, Barnabé vai até Tarso para buscar Paulo e, juntos, trabalham em Antioquia por quase um ano. Essa cidade de diferenças culturais e linguísticas tão intensas foi o centro das atividades missionárias aos gentios realizadas por Paulo e Barnabé. Além de Jerusalém, nenhuma outra cidade teve um papel tão importante no desenvolvimento da Igreja primitiva quanto Antioquia.

A cidade onde a tolerância era motivo de orgulho possibilitou o anúncio do Evangelho para habitantes que não tinham uma relação próxima com o judaísmo. Claro que a pregação sempre tinha início nas sinagogas. A tática habitual de Paulo era dirigir-se primeiramente aos judeus e, somente após a recusa deles, é que ele se dirigia aos gentios (BÍBLIA, 2002, p. 1924, nota i). Ressalta-se, todavia, a pregação para tementes a Deus e gentios, grupos que mantinham

um contato relativo com o judaísmo, e cujo número de convertidos era expressivo. Se eles podiam ser batizados sem serem circuncidados, uma vez que abandonassem o culto pagão e adotassem o monoteísmo pela crença no Deus único, estabelece-se aqui uma regra completamente diferente da que era exigida em Jerusalém. Becker, comenta que:

Uma vez que a fronteira entre os simpatizantes (tementes a Deus) e os que estavam distantes da sinagoga era fluida, produziu-se em Antioquia – certamente pela primeira vez dentro do cristianismo primitivo – o fenômeno de que os membros da comunidade cristã, que eram até então um grupo dentro da federação das sinagogas, comesçassem a anunciar a fé cristã para aqueles habitantes da cidade que haviam mantido uma relação distante com o judaísmo. Assim, os “tementes a Deus”, que se tornaram cristãos, puderam anunciar a nova fé para seus familiares ou utilizar seus contatos profissionais para isso. [...] Tais acessos à comunidade cristã-sinagoga ocasionavam, obviamente, alguns problemas que iam se avolumando, mas que agora haviam atingido um estágio crítico. (BECKER, 2007, p. 130)

Em Antioquia, a nova comunidade passa a ser conhecida como “cristã”, termo utilizado pela primeira vez para designar os seguidores de Cristo. Ao criarem para si este nome, os gentios tomaram o título de “Cristo” por nome próprio (BÍBLIA, 2002, p. 1922, nota h). E foram os fiéis cristãos de Antioquia que, durante a grande fome (45-47 d.C.) ocorrida durante o reinado de Claudio, enviaram ajuda aos fiéis que moravam na Judeia (HAWTHORNE, MARTIN; REID, 2008, p. 92).

Para o grupo de cristãos antioquenos, o que estava acontecendo a partir daquela cidade era uma demonstração impressionante da força da Palavra, que rompia barreiras, aumentando o número de cristãos de origem grega e cidadãos não judeus que usavam o grego como língua corrente. Ali eles tinham mais êxito do que seus parceiros em Jerusalém, onde os judeus se retraíam perante o anúncio do Evangelho. Livres das amarras da Lei Mosaica, seguiam evangelizando sem problemas ou restrições (BECKER, 2007, p. 129-130). O fato de, em Antioquia, ter-se desenvolvido um centro gentio-cristão livre em relação à Lei, fez surgirem controvérsias no centro judeu-cristão ligado à sinagoga, em Jerusalém.

Paulo, em Antioquia, não frustrou as expectativas de Barnabé e brilhou na pregação do Evangelho, incentivando a atitude de liberdade da comunidade em relação à Lei. Daquela cidade, Paulo, Barnabé e também João Marcos, parente próximo de Barnabé (Cl 4,10) seguem para as cidades de Selêucia, Chipre (pátria de Barnabé), Ilha de Pafos, Perge (Panfília), Antioquia da Psídia, Icônio e Derbe. Em Icônio, Paulo e Barnabé sofrem forte oposição e até uma tentativa de apedrejamento (o que acontece na cidade de Listra, At 14,6;19). Em Perge, na Panfília, João Marcos separa-se de Paulo e Barnabé e volta para Jerusalém (At 13,13) enquanto os missionários retornam para Antioquia da Síria através das cidades de Listra, Icônio, Antioquia da Psídia, Panfília, Perge e Atalia (At 13-14). Essa foi a primeira missão organizada

pela Igreja de Antioquia (At 13,1-3) e a primeira viagem missionária de Paulo com o objetivo de evangelização. Eles percorreram entre 1300 a 1500 km (ida e volta) dentro do território conhecido como a Ásia Menor (atualmente, Turquia e Chipre), região urbanizada e helenizada. Paulo e Barnabé entravam nas cidades, iniciavam sua pregação nas sinagogas onde eram aceitos por alguns judeus e rejeitados por outros. Depois, abriam a pregação para os gentios nas áreas públicas das cidades (At 13,44-49). Fundavam comunidades pelo caminho e anciãos eram designados em cada localidade conforme o modelo das comunidades judaicas da diáspora (At 14,23; BÍBLIA, 2002, p. 1928, nota e). O mapa abaixo ajuda a entender o trajeto deles.

Figura 1: Mapa ilustrativo da primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé a partir de Antioquia da Síria.



Fonte²³: Bible Mapper Atlas – Paul’s First Missionary Journey

É nesse cenário de expansão missionária entre os gentios e tensão crescente entre as comunidades judaico-cristãs ligadas às sinagogas que se configurou o Concílio de Jerusalém.

O Concílio de Jerusalém

Evento de grande importância no início da história cristã, o Concílio de Jerusalém ocorreu por volta do ano 49 d.C. Foi convocado para resolver como integrar os gentios na

²³ Bible Mapper Atlas – Rediscovering the World of the Bible
<https://biblemapper.com/blog/index.php/2020/02/13/southern-galatia/>

comunidade cristã sem a exigência de submissão à Lei de Moisés, especialmente no que se refere à obrigatoriedade da circuncisão.

Os judeu-cristãos rigorosos afirmavam que somente o povo judeu era o povo eleito por Deus. Por isso, um gentio só poderia esperar a salvação ao tornar-se judeu mediante a circuncisão. Também não poderia haver salvação à margem da Lei. Nesse contexto, o batismo, por si só, não bastava para caracterizar a pertença como povo de Deus; ele só faria sentido se a pessoa já fosse circuncidada – ou tivesse firme intenção de sê-lo. Essa era, até então, a regra geral vigente.

Em Jerusalém, a liberdade vivida pelos cristãos de Antioquia – e, posteriormente, nas demais cidades helenizadas onde ocorriam as conversões – era vista como uma ruptura das fronteiras entre o judaísmo e o paganismo. Diante disso, um sinal de alerta foi acionado. Paulo sustentava que não era necessário tornar-se judeu para ser cristão: uma pessoa podia ser batizada sem se submeter à circuncisão. Onde o Espírito Santo agisse, independentemente da circuncisão, ali existiria a liberdade (BECKER, 2007, p. 133-134).

Além da circuncisão, um outro fator importante era objeto de discussão: as leis dietéticas. Um judeu não podia sentar-se à mesa com um gentio, comer com ele – ou mesmo entrar em sua casa – sem tornar-se ritualmente impuro (cf. At 11,2-3 – justificativa de Pedro por sua presença na casa de Cornélio, em Cesareia). Como proceder, então, quando judeu-cristãos e cristão-gentios, vivendo na mesma cidade, desejassem celebrar juntos a Ceia do Senhor? Aceitariam os gentios a dieta judaica ou renunciariam a seus próprios costumes alimentares? Os cristãos de Antioquia haviam decidido pela segunda opção: nas refeições conjuntas, não se adotavam alimentos *kosher*²⁴ (CROSSAN; REED, 2015, p. 203).

Paulo relata em Gl 2,11 sua oposição à atitude de Pedro quando este, estando em Antioquia, deixa de comer com os gentios após a chegada de judeu-cristãos vindos de Jerusalém, da parte de Tiago. Paulo critica, inclusive, a atitude de Barnabé, que passa a agir da mesma forma.

Mas quando Cefas (Pedro) veio a Antioquia, eu o enfrentei abertamente, porque ele se tornara digno de censura. Com efeito, antes de chegarem alguns vindos da parte de Tiago, ele comia com os gentios, mas, quando chegaram, ele se subtraía e andava retraído, com medo dos circuncisos. Os outros judeus começaram também a fingir junto com ele, a tal ponto que até Barnabé se deixou levar pela sua hipocrisia (Gl 2, 11-13).

²⁴ Alimentos kosher (do hebraico *kāšēr*, “adequado”, “permitido”) são aqueles considerados próprios para o consumo segundo a Lei judaica. No século I d.C., essas normas incluíam a distinção entre animais puros e impuros, a proibição do consumo de sangue, regras específicas de abate ritual e a separação de alimentos associados a práticas idolátricas.

A solução para esse impasse – envolvendo circuncisão, alimentos, as categorias de puro/impuro, judeu-cristãos, cristão-gentios – estava no diálogo. E esse diálogo se desenvolveu no evento que hoje conhecemos por Concílio de Jerusalém, relatado nas Escrituras no Livro dos Atos dos Apóstolos (At 15,1ss) e na Carta aos Gálatas (2,1-10).

Trata-se de duas narrativas distintas. A primeira, escrita por Lucas, é uma narrativa histórica, com um propósito teológico; a segunda possui caráter autobiográfico. Existem diferenças entre ambas? Sim, existem, assim como já observado na descrição do encontro de Paulo com Jesus no caminho para Damasco. Contudo, neste caso, o foco recairá sobre o resultado das discussões realizadas em Jerusalém.

No Concílio Apostólico, discutiu-se uma questão fundamental: poderia o cristianismo basear-se exclusivamente na fé em Cristo, fora da sinagoga e sem o respaldo da Lei? A Comunidade de Antioquia poderia ser reconhecida em igualdade com as comunidades judeu-cristãs existentes no interior da sinagoga? Foi a própria comunidade antioquena que decidiu esclarecer a disputa com os de Jerusalém (BECKER, 2007, p. 132).

As figuras centrais desse debate foram Paulo, Barnabé, Pedro, Tiago e os demais apóstolos e anciãos da igreja em Jerusalém. Paulo e Barnabé representavam a comunidade gentílica convertida, cabendo a Paulo um papel decisivo na defesa de seu evangelho, fundamentado em sua experiência missionária. Ele defendeu vigorosamente que a salvação vinha pela graça de Deus através da fé em Jesus Cristo e não pela observância da Lei Mosaica. Como afirma: “É para a liberdade que Cristo nos libertou [...] Pois, em Cristo Jesus, nem a circuncisão tem valor, nem a incircuncisão, mas apenas a fé agindo pela caridade” (Gl 5,1-6).

A Bíblia de Jerusalém nos apresenta o seguinte esclarecimento sobre este tema: “Paulo não tinha dúvidas sobre a verdade do seu evangelho; mas a fundação das igrejas exigia que não fosse rompido o vínculo com a igreja-mãe, aqui representada pelos três “notáveis, as três “colunas”: Pedro, Tiago e João” (2002, p. 2032, nota h).

Na Carta aos Gálatas, Paulo descreve uma divisão – de caráter geográfico e não étnico – entre ele e Pedro no que se refere à evangelização: o primeiro seria responsável pelos incircuncisos e o segundo, pelos circuncisos. Essa divisão foi confirmada pelas três “colunas” da igreja-mãe: Tiago, Cefas (Pedro) e João.

Em At 15, por sua vez, celebram-se as conversões realizadas por meio de Paulo e Barnabé. Ao mesmo tempo, são estabelecidas orientações para a convivência entre judeus e gentios convertidos: eles deveriam abster-se de alimentos sacrificados aos ídolos, da carne sufocada – relacionada a práticas específicas de abate dos animais e às leis alimentares judaicas da época –, do sangue, além das uniões ilegítimas. Uma carta apostólica foi então redigida e

enviada a Antioquia da Síria por uma comitiva composta por Paulo, Barnabé e pessoas do grupo dos apóstolos e anciãos de Jerusalém.

Paulo não menciona as restrições impostas pelo grupo de Jerusalém à comunidade antioquena na Carta aos Gálatas. A Bíblia de Jerusalém, na Introdução às Epístolas de São Paulo, esclarece: “Assim, a epístola aos Gálatas é bem posterior ao Concílio de Jerusalém. Se nela Paulo não fala do Decreto (i.e., restrições alimentares), é talvez porque este é de época mais tardia” (BÍBLIA, 2002, p. 1959).

Considerando que Lucas escreveu o livro dos Atos dos Apóstolos muitas décadas depois da Carta aos Gálatas e mesmo após o próprio concílio, é possível compreender as restrições descritas em At 15 como uma formulação posterior, destinada a documentar e normatizar uma prática de convivência já existente. O texto lucano também reafirma o papel dos apóstolos e dos líderes da igreja no discernimento da vontade de Deus e na tomada de decisões importantes para a comunidade cristã primitiva.

Segundo Becker (2007, p. 140), o Concílio de Jerusalém teve consequências que não afetaram somente a missão antioquena, afirmando que há indícios que levam a crer que as comunidades e os missionários, fora da Judeia, utilizaram rapidamente o concílio como sinal de seguimento do caminho de Antioquia. Paulo, por sua vez, contribui decisivamente para a preservação da unidade da igreja nascente. Sua missão de propagar a fé entre os gentios recebeu a aprovação de Jerusalém, evitando um possível cisma entre os seguidores de Jesus e impedindo que o cristianismo se diluísse em apenas mais um outro culto religioso entre outros tantos da Antiguidade (READER'S DIGEST, 1999, p. 53-54).

Considerações Finais

Paulo viajou por muitos anos e por diversos lugares para cumprir sua vocação de pregar a todos, mas principalmente aos gentios. Depois do Concílio de Jerusalém, tendo sido pacificado o tema da circuncisão e definidas as restrições necessárias para a boa convivência entre comunidades judaico-cristãs e gentio-cristãs, Paulo realiza mais duas viagens missionárias. Dotado de capacidade de sobrepujar as dificuldades encontradas pelo caminho, utilizava seu conhecimento como fabricante de tendas para garantir seu sustento. Nesse período, viajou para Filipos, Tessalônica, Bereia, Atenas, Corinto e Éfeso, além de visitar comunidades anteriormente fundadas, permanecendo, por algum tempo, em algumas delas como, por exemplo, em Éfeso. Suas conhecidas epístolas foram escritas a partir de algumas dessas cidades. Destinadas a leitores concretos e em resposta a questões práticas, ultrapassam

seu contexto imediato, alcançando os tempos atuais e permanecendo como fonte de orientação e inspiração.

A trajetória de Paulo, de fariseu a apóstolo dos gentios, não pode ser compreendida como uma ruptura com o judaísmo vivido por ele. Em nenhum momento ele perdeu suas raízes judaicas; não se converteu. Ele reconheceu em Jesus o Messias há tanto tempo esperado e abraçou a sua vocação de pregar a Boa Nova para todos – judeus e gentios. E isso deveria ser feito rapidamente, porque havia no ar uma expectativa de fim dos tempos que demandava urgência para a salvação.

Ao pesquisarmos suas origens (cidade de nascimento, vivência em um mundo helenista, conhecimento de grego, hebraico e aramaico, o pensamento farisaico, a expectativa messiânica), pudemos criar uma imagem desse homem e entender como as ferramentas intelectuais que ele possuía o ajudaram no momento em que Deus o chama, através de Jesus, para ser o apóstolo dos gentios. Todo o seu conhecimento do Antigo Testamento e sua experiência de vida em um mundo de influência helenista são colocados a serviço do convencimento dos judeus nas sinagogas e dos gentios em qualquer espaço público. À sua inteligência somava-se a habilidade de tocar a alma das pessoas. O Concílio de Jerusalém marca o momento em que todo esse conjunto de habilidades e ferramentas resulta na superação das fronteiras a fim de que sua vocação pudesse ser livremente vivida, permitindo que a fé em Jesus se expandisse, consolidando a missão de Paulo para a universalização do cristianismo nascente.

Paulo é responsável por muitas das passagens mais inspiradoras e poéticas da Bíblia Sagrada, e não poderia encerrar este trabalho sem incluir uma das mais conhecidas (e bonitas): “Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como bronze que soa ou como címbalo que tine (1Cor 13,1)”.

Referências Bibliográficas

BECKER, Jürgen. **Apóstolo Paulo – Vida, Obra e Teologia**. Santo André: Academia Cristã Ltda. 2007.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. 13 reimpr., 2019.

BRIGHT, John. **História de Israel**. São Paulo: Paulinas, 1978.

CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. **Em busca de Paulo – Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano**. São Paulo: Paulinas, 2015, 3ª edição.

DÉMANN, Paul. **O significado de nomos em São Paulo**. In: NISHMA Revista de Estudos Bíblicos. São Paulo: Sion Publicações, 7/2021.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN Ralph P.; Reid, Daniel G (orgs.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Vida Nova, Paulus e Loyola, 2008, 2ª edição.

JOSEFO, Flavio. **Seleções de Flavio Josefo**. São Paulo: EDAMERIS, 1974.

LENHARDT, Pierre. **À escuta de Israel, na Igreja**. Vol I. São Paulo: Fons Sapientiae; CCDEJ, 2020.

MAIER, Johann. **Entre os dois Testamentos – História e religião na época do Segundo Templo**. São Paulo: Loyola, 2005.

MARGUERAT, Daniel. **A Primeira História do Cristianismo – Os Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Loyola, 2003.

PASSETO, Elio. **Paulo, sua teologia e seu evangelho**. In: *Revista Cadernos de Sion*. São Paulo: Centro Cristão de Estudos Judaicos, v. 2, n. 1, p. 4-30, 2021. Disponível em: https://revista.ccdej.org.br/ojs/index.php/CSION/pt_BR/article/view/31. Acesso em 10/11/25.

RAMOS, Marivan Soares. **Batismo de Jesus, o Cristo**. In: *NISHMA Revista de Estudos Bíblicos*. São Paulo: Sion Publicações, 9/2022.

RAMOS, Marivan Soares e MATOS, Márcio M. **Jesus, o Mestre entre os Sábios**. São Paulo: Fons Sapientiae; CCDEJ, 2022.

READER'S DIGEST Brasil Ltda. **Depois de Jesus -O triunfo do Cristianismo**. Brasil: 1ª edição, 1999.

SCARDELAI, Donizete. **Da Religião Bíblica ao Judaísmo Rabínico**. São Paulo: Paulus, 2008.

SCARDELAI, Donizete. **Israel e Judá no período bíblico - Memórias de um povo em peregrinação de fé: Religião, sociedade e política com incursões na arqueologia bíblica**. São Paulo: Fons Sapientiae; CCDEJ, 2024.

SCARDELAI, Donizete e ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Jesus, o Messias dos pobres**. São Paulo: Paulus, 2021.

SOARES, Cláudio da Chaga. **Atos de Paulo e Tecla: a narrativa romanesca e o discurso sobre a imagem do apóstolo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

VASCONCELLOS, Pedro Lima e FUNARI, Pedro Paulo A. **Paulo de Tarso – Um Apóstolo para as nações**. São Paulo: Paulus, 2013.